

ALGUNS ASPECTOS DA ERGOLOGIA MURA-PIRAHÁ

Ivelise Rodrigues

Museu Goeldi

Adélia Engrácia de Oliveira

Museu Goeldi

RESUMO: Descrição de material ergológico coletado durante três trabalhos de campo entre os índios Pirahã, subgrupo Mura, localizado no rio Maici, afluente do Marmelos (Madeira - AM). São apresentados alguns dados históricos que mostram como os Mura se destacaram na Amazônia, procurando rechaçar a invasão dos "civilizados", e como, por efeito desse contato, eles sofreram um processo de depopulação, deculturação e aculturação. Os Pirahã parecem ser o único subgrupo a manter traços tradicionais da cultura Mura e a ergologia, por sua vez, parece ser o aspecto tradicional mais evidente desse subgrupo. Descrevem-se aspectos da aldeia, instrumental para as atividades de subsistência, transportes, adornos, brinquedos e instrumentos musicais. Ao final dá-se uma lista descritiva de objetos Pirahã existentes na coleção do Museu Goeldi.

INTRODUÇÃO

Entre os grupos tribais que procuraram rechaçar a invasão dos "civilizados" em seus territórios, os Mura se destacaram na Amazônia, principalmente durante o século XVIII.

Segundo Amazonas (1852 : 207), pretende-se que os Mura sejam oriundos do Perú, d'onde emigrarão, resentidos da legislação dos Incas. Informação semelhante dá Rodrigues (1892 : 28) quando diz que os Muras, ciganos, piratas imundos e barbaros, que pela conquista hespanhola, abandonaram o Peru, descendo pelo rio Madeira para assentarem seus arraiaes nomades pelas margens e lagos do Solimões e Amazonas, atacando e roubando tudo, contribuíram para o

desaparecimento dos Aruakys e das suas terras se apossam fazendo em todo alto Amazonas as suas atalaias, donde viam as prezas sobre as quaes se lançavam. Nimuendaju (1925 : 140), Bates (1944 : v. 1, pg. 353) e Steward & Faron (1959 : 387) indicam o rio Madeira como a residência original desses índios. Daí, por causa dos contatos e ambição dos "civilizados", eles teriam-se movido para o norte, em direção ao rio Purus e Solimões (Steward & Faron, 1959 : 438), sendo que **de todas as tribus da Amazonia foi esta a que mais extenso território ocupou, espalhando-se das fronteiras do Peru até o Trombetas** (cf. Nimuendaju, 1925 : 140) (1). Com suas correrias e incursões hostís eles impediram os estabelecimentos dos portugueses, a ação das missões e das guarnições militares em vasta região da Amazônia. Itacoatiara, fundada pelos jesuítas em 1716, com o nome de aldeia dos Abacaxis (em 1759 foi elevada a Vila, chamando-se Serpa), teve cinco "situações" diferentes, sendo que todas as mudanças foram motivadas pelas perseguições e ataques dos Mura (cf. Ilustração, 1826 : cópia 02; Amazonas, 1852 : 9, 166-167, 236; Almeida, 1874 : 291; Marcoy, 1867 : 107; Coudreau, 1906 : 8-9; Southey, 1965 : 247). Por quatro vezes eles fizeram Borba (antiga Trocano), que se originou de u'a missão fundada pelos Jesuítas em março de 1728 (ou 1725 ?), mudar de colocação face aos seus ataques (cf. Amazonas, 1852 : 62-64; Almeida, 1860 : 518-519; Noronha, 1862 : 30-31; Marcoy, 1867 : 105; Fonseca, 1874 : 295; Bandeira, 1926 : 40 e 47; Aires Casal, 1943 : 238). Durante algum tempo dificultaram a comunicação entre Mato Grosso e Pará. Conta Taunay (1941 : 27) que em 1744, a imitação dos primeiros aventureiros se resolveram segui-los a navegar para o Pará Miguel da Silva Matias Corrêia, a quem matou o gentio Mura em caminho : um irmão deste, e Gaspar Barboza, e um holandês que nestas minas se andava que nesta derrota morreu afogado nas cachoeiras com alguns escravos desta tropa. Segundo um Anônimo (cf. Ilustra-

(1) — Grubb (1927 : 104) diz também que : "Bygnono centuries found them scattered from the borders of Peru to the Trombetas".

ção, 1826 : cópia 02-03) : **O Sargento Mór João de Sousa, conhecido pelo nome de Mineiro, que foi oprimeiro/que conduziu por este rio Madeira hum comboio de Canoas do Pará á Mato-Grosso, teve com este gentio encontros renhidos de cara, á cara...**, sendo que face à desigualdade das armas, os Mura sofreram "horrorosa mortandade". Continua o Anônimo (cf. Ilustração, 1826 : cópia 03) a dizer que : **Depois desta época adoptarão novo systema de combater, e atacar-nos por guerrilhas : tactica desastroza que pezou muitos annos sobre as Villas de Obidos, Silves, Serpa, Borba, Ega, Moura, até a Capital de Barcellos; e sobre os Lugares da Barra, Alvellos, Nugueira, Alvarans, Fonte boa, Imaripi, Airão, Carvoeiro, e Poiars, matando-lhes os seus melhores Indios pescadores, e Brancos lavradores, com tal destreza, e velocidade de raio, que obrigou aos Governadores daquella Capitania, para lhes refrear a audacia, mandallos atacar annualmente pelas Tropas Auxiliares da Capitania, nos mesmos lugares do seu domicilio : comque soffrerão inaudita matança, e todo o mais genero de hostilidade, sem com tudo desistirem da sua animosidade.** Ha memoria que no sitio dos Guatazes huma divisão desta Tropa surprendera huma Maloca as seis horas da tarde, deitando-lhe huma Linha de cerco por mar, e por terra. Os homens, rompendo a Linha fugirão : as mulheres com suas crianças, e todos os rapazes, e raparigas lançarão-se ao mar, aquererem ganhar huma ilha fronteira, em tempo, que ahi ainda não tinham chegado as canoas, morrerão todos afogados em numero de trezentos e tantos. Tal era aguerra Muriaca, e assim ficarão os nossos sem ter prisioneiros. Por volta de 1749, José Gonçalves da Fonseca, que fez a primeira exploração dos rios Madeira e Guaporé, por ordem do governo, sofreu, com sua tropa, assaltos dos Mura que se valeram da escuridão da noite para disparar flechas contra indios da expedição (Fonseca, 1874 : 308-309). A expansão dos Mura e a sua situação de conflito com os "civilizados" parecem ter atingido o auge por ocasião da viagem do ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio em 1774-1775 pelas povoações da Capita-

nia de S. José do Rio Negro. Por essa época os Mura colocavam em permanente desassossego as povoações do Solimões e do rio Negro, afugentando outras nações indígenas e impedindo o aumento da agricultura por causa de seus ataques e incursões (Sampaio, 1825 e 1907 : 107-111). Sampaio chama também a atenção para o fato das terras do Madeira serem férteis mas sofrerem assaltos dos Múra, gentio de corço, e que somente vive de caça, pesca e frutos do mato. Accomete sempre a seu salvo, fazendo emboscadas, principalmente nas pontas da terra, em que costuma haver correntezas; porque enquanto as canoas trabalham a passalas, de cima despedem multidão de frechas (1825 : 12). Conta que na vila de Borba (rio Madeira) havia hum destacamento militar commandado por hum official, não só para facilitar, proteger a comunicação com Mato Grosso, mas para repêllir as invasões dos Mura (1825 : 11) (2) e mostra que o rio Manacapuru seria comodissimo lugar para se formar huma povoação, e que muito utilizaria esta capitania, senão dificultassem este estabelecimento as hostilidades do gentio Múra, povoação de que se necessita para encher o intervalo despovoado, que medêa da foz do Rio Negro até o Coari (1825 : 16). Indica o rio Autaz ("Uautás") como "povoadissimo do Múra" (1825 : 13) e o lago "Cudaiás" como "assíduo domicílio" desse índio que daí extendem as suas incursões ao Rio Negro pelo Uniní, e Quiyuní, que ambos desaguão nelle... (1825 : 19). Fala também que o rio Coari foi antigamente povoado de varias nações, que o desampararão, depois que os Múra estenderão até ali as suas correrias (1825 : 23). Era de tal ordem o temor causado por este grupo indígena que o ouvidor Sampaio, intendente geral da capitania de São José do Rio Negro naquela ocasião, fez o seguinte comentário: Conjecturo, que se se não dá prompto e efficaz remedio para inteiramente profligar, e destruir esta na-

(2) — De acordo com Southey, em 1775 foi estacionar na vila de Borba "uma guarnição, para defesa contra os Muras, que apesar disso tão atrevidos e terríveis eram que tinham a praça em contínuo sobressalto, desviando a gente de ir nela estabelecer-se" (1965 : v. VI, 245).

ção, que por sua natureza conserva cruel, e irreconciliavel inimizade com todas as mais nações, não exceptuando os índios: Que professa por instituto a pirataria, grassando por todos os lugares de publico transito, em que deve haver maior segurança: Que nas suas guerras, e assaltos usa a mais barbara tirannia, não perdoando aos mesmos mortos, em quem commetem innarraveis crueldades, esfolando, e rompendo os cadaveres: Que apenas dá quartel a algum rapaz, que depois de ferido, e impossibilitado a fugir, chega a captivar; e ainda assim para o reduzir a escravidão: Motivos estes que não somente justificação contra esta nação a mais infurecida guerra, mas que apersuade huma indispensavel obrigação fundada no interesse, bem da paz, e segurança da sociedade universal das nações Americanas, e colonias deste continente: se se não dá, digo, remedio a tantos, e tão universaes damnos, ou se reduzirão a nada as colonias, e estabelecimentos dos rios Amazonas, Negro, Madeira, e Japurá, ou experimentarão o estado de languidez, e diminuição, que necessariamente lhes causa o temor dos Mura, e por hum calculo bem moderado se pode inferir, que o augmento, que tem, seria quadruplicado, e se seguros os moradores se applicassem á agricultura, ao commercio, e a navegação essencialmente necessaria neste paiz, para adiantar huma, e outro (Sampaio, 1825: 75-76). Colocava-se, pois, na destruição dos Mura, a possibilidade de aumentarem e se expandirem as povoações da enfia capitania de São José do Rio Negro.

No periodo de 1783-1792, Alexandre Rodrigues Ferreira viajou, em caráter oficial, pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá e suas notas refletem as limitações de sua época com relação à política indigenista, em que se pretendia submeter os índios pelas armas. Entre as medidas por ele indicadas está uma guerra contra os Mura (Ferreira, 1887: 69 e ss.). Tal como o ouvidor Sampaio, ele diz que a hostilidade e crueldade do gentio Mura, principalmente na capitania do Rio Negro e em tambem ido, pelo espaço de tempo de todo o solar dito governo, outro

reconhecido e inseparavel obstaculo contra o maior progresso da lavoura e do commercio d'aquelles opprimidos moradores (Ferreira, 1887 : 55) Menciona também o comêntário anteriormente transcrito de Sampalo e, como dizem Galvão & Moreira Neto (1974 : 18) : **Se de um lado deve ser atribuído ao naturalista a responsabilidade histórica de ter concorrido para a adoção de uma política oficial mais dura em relação aos indígenas brasileiros,...** por outra parte é de justiça reconhecer que seu cuidado em evitar excessos nos "descimentos" ou suas denúncias das arbitrariedades usuais contra índios aldeados devem ter contribuído, com eficácia não menor, para o adiamento da implantação de uma política explicitamente anti-indígena na Amazônia. Parece ser com alívio que ele mostra a procura espontânea de paz tomada pelos Mura em Santo Antônio do Maripí, no Japurá, entre 1784 e 1786 ⁽³⁾, o que dispensava as medidas de força que sugeria, tal como o cativoiro. Diz ele, em 1787 : **Felizmente no dia de hoje em nenhum d'elles incorrem os Murás; porque parece, que, compadecida a Providencia de tantas desgraças, dispoz no rio do Japurá a reconciliação, que prometteram os Muras habitantes d'aquelle rio, e tanto elles, como os dos outros rios dos Solimões, das Amazonas e da Madeira, assim o tem executado** (Ferreira, 1887 : 74).

À época da redução os Mura asseguraram que, sendo o seu costume viverem de corso, tinham contudo a sua assembléia geral na margem setentrional do Beni, em toda a extensão da parte daquele rio, que corre com o nome de Madeira, sendo a paragem/do seu maior ajuntamento no célebre lago, que quase na foz daquele rio se encontra com o nome de Autazes... (Ferreira, 1974 : 119-20). Apesar da aparente espontaneidade da redução e pedido de paz feito pelos Mura, parece que a perseguição que lhes movia os índios Munduruku, que se expandiam do Tapajós ao Madeira, teve nesse fato um papel relevante (cf. Amazonas, 1852 :

(3) — A respeito das "noticias da voluntária redução de paz e amidade da feroz nação do gentio Mura", cf. R.I.H.G., 36 v. 1, 1873 : 323-392 e Ferreira, Alexandre Rodrigues, 1974 : 103-161.

206-207; Nimuendaju, 1924 : 207 citando Martius; Nimuendaju, 1925 : 140; Bandeira, 1926 : 47; Grubb, 1927 : 104; Bates, 1944 : I, 350 citando Martius no rodapé nº 333; Steward & Faron, 1959 : 438; Southey, 1965 : 246, 254 e 310; Ribeiro, 1970 : 39; Ferreira, 1974 : 144 e 147). Tal como Nimuendaju (1948 : 256) acreditamos que os Mura tenham procurado "proteção" entre os "civilizados" motivados não só pelos ataques dos Munduruku mas também por causa das expedições punitivas, adoção de traços alienígenas e epidemias como sarampo e bexiga. A perseguição dos Munduruku continuou e, segundo Bates (1944 : II, pg. 125): **Os portugueses fizeram a paz com eles no começo deste século, sendo facilitado o acordo pela causa comum da contenda dos dois povos contra os odiados Muras.**

Cerca de quarenta anos após a redução, em 1826, escreve o Anônimo que : **Está este gentio no rio Negro em toda a parte em malócas, de mais, ou menos em numero, e não se querem unir ás Villas e Lugares, pela opinião que entre elles há, que os querem escravizar como os outros Indios: opinião que he necessario desvanecer por meio das persuasões das vantagens que resulta da sociedade (cf. Ilustração, cópia 06).** Mais adiante acrescenta : **Com effeito, ha quarenta, para quarenta e hum annos que esta Tribu gentilica se congrassou connosco, ainda não houve quem olhasse compassivo para estes miseraveis!! Convida-se aos gentios Maué, e Madurucú para formarem Missoens e dá-se-lhes Missionarios!!! Dir-me-hão: os Muras não se sujeitão á povoação. Que diligencias se tem feito para isso? Quantos Missionarios se lhes tem dado para os agraciar e que se persuadão que he seu Missionario? Nenhum. Alguns mandão baptizar os/filhos innocentes nesta, e naquella Freguesia; que para o futuro vem a causar huma confusão, em tanto que corre perigo de se rebaptizar. (Ilustração, cópia 06-07) ... com authoridade, soffrimento, e paciencia he possível concordar os animos, e pareceres, e tirar estes gentios da sua groceria, e estupidez; e formar com elles estabelecimentos estaveis, e rendosos, á que natural-**

mente he o seu temperamento analogo. Se todos elles até agora não tem tido lugar fixo, como os mais indios, não provem isso do genio, e naturalidade, se não do defeito da guerra de muitos annos de não poder ter lugar fixo; e com este defeito educarão os filhos que agora existem (cópia 07) ... Estão estes gentios preocupados da idéia, que os Magistrados querem escravisallos, como tem por muitos mōdos encontrado. De nenhuma sorte consentem, que filhos seus menores se apartem do seu seio... O genio bravo, e altivo, como transcendente dos seus maiores, sempre mostrão, (com differença dos mais gentios), em todas as occasioens que os atacão. Em 1818 vararão com huma flexa o Mineiro Alexandre pela bar-/riga, quando se recolhia á Mato grosso: que morrendo no Hospital da Barra, confessou, ser elle mesmo causa da sua morte, por ter tido ausadia de tomar ao Indio a sua propria mulher. Em 1820 matarão á dous Soldados do destacamento do Crato, por lhes tomarem violentamente as suas montarias carregadas de tartarugas. Semilhantes á estes casos diariamente estão acontecendo (cópia 07-08). Na cópia 18, o Anônimo afirma que não obstante a sua submissão, os Mura continuavam com sua vida errante, sendo que a sua casa principal era a sua *montaria*. (Ilustração, 1826).

Também o cōnego André Fernandes de Sousa, no início do século XIX mostra que não se tinham tomado providências para aldear a Nação Mura e afirma que : **Quando todos os gentios no Rio Negro são tratados como escravos, os individuos d'esta nação são tratados com respeito.** (1870 : 431).

Durante a Cabanagem os Mura aliaram-se aos Cabanos e, juntamente com eles, foram massacrados em 1834-36 (cf. Osculati, 1929 : II, 170 e Nimuendaju, 1948 : 257). Segundo Amazonas (1852 : 67), em 1838 Ambrozio Ayres Bararoá levou aos lagos do Autazes, onde os Mura tinham sua principal habitação, toda a gente de Manaos capaz de pegar em armas; e alli deixando-a, e voltando sobre a Villa apenas com a gente de sua parcialidade, e com intensões que ainda hoje se

interpretação horrorosamente, foi em hum dos ditos lagos sorprendido pelos Cabanos, que o assassinâo com a mais revoltante barbaridade. Afirma Gondim (artigo publicado no jornal do Comércio de Manaus, sem data e sem pág.) que no tempo da cabanagem muitos Muras foram conquistados pelo padre Gaspar, que os conseguiu localizar em suas fazendas no lago do Murutunga, na região dos Autazes.

Nos relatórios dos presidentes da Província do Amazonas encontram-se referências a conflitos perpetrados ou sofridos pelos Mura. Tenreiro Aranha (1874 : 23) conta que antes de terem notícia de sua chegada e posse, em 1852, ...no rio Madeira alguns bandos de gentios das numerosas tribus dos Muras, tendo nestes últimos tempos commettido nefandos crimes contra pessoas inermes, chegaram a insurgir-se contra o seu proprio chefe principal (Tuxáua) só porque este quiz impedir os excessos e desregramentos d'aquelles que, por esse motivo, o espancaram e o deixaram por morto. Fala também que antes da sua chegada centenaes de pessoas, pela maior parte indigenas das tribus dos Muras, que tem as suas habitações nas margens dos lagos mais próximos desta capital haviam morrido devido a uma epidemia de sarampo (1874 : 56). Ainda Ferreira Penna (1853 : 179, 180), Miranda (1856 : 461), Vieira (1856 : 474-475), Vieira (1857 : 534-535), Amaral (1858 : 600), Furtado (1858 : 8-9, 49, 146-148), Cunha (1864 : 8), Mello (1866 : 331-334), Mattos (1870 : 719) e Tenreiro Aranha (1874 : 90-91), dão informações sobre relações inter e extratribais dos Mura que abrangem aspectos diversos entre os quais a ação das diretorias de índios, dos regatões e a catequese e "civilização" (4) desses índios.

Havendo sido vitimados por epidemias, pelos ataques de guarnições militares e civis, enfim, pelos efeitos do contato com os "civilizados", os Mura que eram considerados um dos maiores grupos tribais da Amazônia e que por diversos meios procuraram evitar esses contatos, conforme mostramos anteriormente, acabaram por pedir a paz e se inte-

(4) — A esse respeito cf. também Nimuendaju (1925 : 141).

graram aos povoados rurais das cercanias onde viviam, devendo ter diminuído muito em número e perdido grande parte do seu acervo cultural.

Quanto aos dados numéricos sobre a população Mura, estes só começaram a aparecer na 1ª metade do séc. XIX. Estimativas feitas por Martius indicam que havia de 30.000 a 40.000 indivíduos desse grupo tribal em 1820 (Spix and Martius, 1823 : vol. 3 apud Nimuendaju, 1948 : 257). Já o Anônimo afirma que em 1826 (Ilustração, cópia 01 e cópia 14) eles somavam para cima de 60.000. Ambos os dados parecem se contradizer e provavelmente não devem representar a realidade da época. Lacerda (1864 : 180-181) em seu relatório apresentado à Assembléia Legislativa da Província do Amazonas na sessão ordinária de 1º de outubro de 1864, dá um total de 1445 Mura que viviam sob a égide de diretorias nos rios Amazonas, Madeira e Purus, e fala em mais 721 índios dos grupos Mura e Maué aldeados juntos em Andirá e Sapucaia-oroca no rio Madeira e 725 Mura e Torá que viviam em Crato no rio Madeira. Dessa forma, em 1864, os Mura que estavam sob o controle de diretorias não alcançavam a casa dos 3.000. Nimuendaju (1948 : 257) em 1926 somou-os em 1390 indivíduos habitando os rios Madeira, Autaz e Urubu sendo que o seu total poderia atingir 1.600. Desconhecemos as estimativas atuais mas sabemos que ainda são feitas referências a eles na **margem direita do Solimões, à jusante do Coari, entre o Solimões e o Autaz, margem direita do Canumã, curso médio do Madeira, no rio Urubú, próximo ao furo do Arauató** (Malcher, 1962 : 99). Durante uma viagem que realizamos de setembro a novembro de 1975 no rio Madeira, soubemos da existência de Mura não só na região do Autaz mas também do Capanã Grande, Manicoré, Lago Acará (rio Madeira) e lago Aiapuá (rio Purus).

Com relação aos aspectos culturais desse grupo escolhemos como objetivo do presente trabalho alguns elementos da ergologia dos Pirahã, subgrupo Mura, uma vez que a mesma é um dos aspectos tradicionais mais evidentes desse subgrupo que, por sua vez, também parece ser o único a

manter traços tradicionais da cultura Mura. Quando dizemos tradicionais estamos nos referindo às informações prestadas pelos Pirahã com relação ao que "os antigos faziam", o que não exclui, porém, a possibilidade de alguns traços terem sido aculturados direta ou indiretamente de outros grupos tribais, em tempos passados, e cuja memória foi perdida pelos atuais informantes, uma vez que não podemos nos apoiar na bibliografia, que é precária nesse aspecto, como fonte básica para verificar as mudanças ocorridas ou não.

As notas etnográficas aqui apresentadas representam apenas um aspecto do sistema tecnológico que, juntamente com os sistemas associativo e ideológico, a situação histórica dos Mura e a relação desses índios com a sociedade envolvente e nacional deverão ser apresentados posteriormente.

A inclusão de um trabalho ergológico deve-se ao fato de que para a compreensão e conhecimento da situação de contato dos Mura com a sociedade nacional envolvente e a análise dessas relações, a descrição do instrumental que contam para a sua sobrevivência, assim como dos seus abrigos, meios de transporte, instrumentos musicais e de defesa, é um passo importante para esse conhecimento. Além disso, como já se disse, os Pirahã parecem constituir o último núcleo de Mura a conservar traços da cultura original e face à abertura de estradas na região e ao contato cada vez mais freqüente que vêm tendo com elementos alenígenas, este também parece ser o último momento para se registrar o que pode ter sido a cultura Mura.

Chamamos também a atenção para o fato da ergologia Mura-Pirahã apresentar poucos elementos culturais quando comparada, por exemplo, com a dos índios do alto Rio Negro (AM), os do alto Xingu (MT), os Waiyana-Aparai (PA), os Urubu-Kaapor (MA), os Tiriyo (PA) e os próprios Mundurucu (AM e PA) com quem tanto os Mura brigaram no passado e dos quais os Pirahã ainda têm lembranças, o que pode ser causado por duas possibilidades: a) perda de traços culturais face ao contato experimentado com os regionais, ví-

timas que foram da dominação de elementos da sociedade nacional e, também, com outros grupos tribais, como é o caso, por sinal, do uso do tabaco do paricá, o qual era lançado **em pó dentro da caçoleta do cachimbo**, sendo que o **que se destina a tomá-lo, com as suas próprias mãos aplica a caçoleta a uma das ventas, enquanto outro assopra o tabaco com força pelo bocal, vindo por este modo a ser tão violento o efeito do tabaco assoprado que, a primeira asso-pradela, basta para os alienar dos sentidos e promover uma extraordinária descarga da pituita** (Ferreira, 1974 : 63) ⁽⁵⁾, e que atualmente não mais é encontrado; b) consequência de um tipo específico de estrutura social e econômica pois os Mura-Pirahã, tal qual faziam os Mura há dois séculos, continuam a passar grande parte de seu tempo viajando em canoas, deslocando-se da terra firme para as praias que surgem na época das secas, sendo antes pescadores, caçadores e coletores do que agricultores, o que parece ter impedido o seu estabelecimento em aldeias mais ou menos fixas e, conseqüentemente, o surgimento de um material tecnológico mais elaborado.

Atualmente os Pirahã vivem em duas localidades (cf. fig. 1) : no alto Maici, em um aldeamento chamado Mariral onde não recebem qualquer tipo de proteção e no baixo Maici onde estão sob o controle de um casal de missionários do SUMMER em uma ponta de terra firme chamada de Posto Velho por ter sido local de antigo Posto do S.P.I. ⁽⁶⁾. Na época da seca, quando surgem as praias, os que vivem nessa última colocação costumam deslocar-se para as praias existentes na boca do Maici. Em 1925 Nimuendaju escreveu que : **Não ha tradição que os Pirahã tivessem jamais abandonado a região que ainda hoje ocupam, isto é, o Estirão Grande do Marmellos, pouco abaixo da bocca do Maicy,**

(5) — A esse respeito cf. também Bates, 1944 : v. 1, pg. 355-356 e Souza, 1873 : 302.

(6) — Segundo Gondim (1922 : 57-59 e 1938, 34) e Nimuendaju (1925 : 142 e 1948 : 266) em 1921 o Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.) criou um Posto de atração para reter e localizar os Pirahã no médio Maici, e outro na foz do mesmo rio.

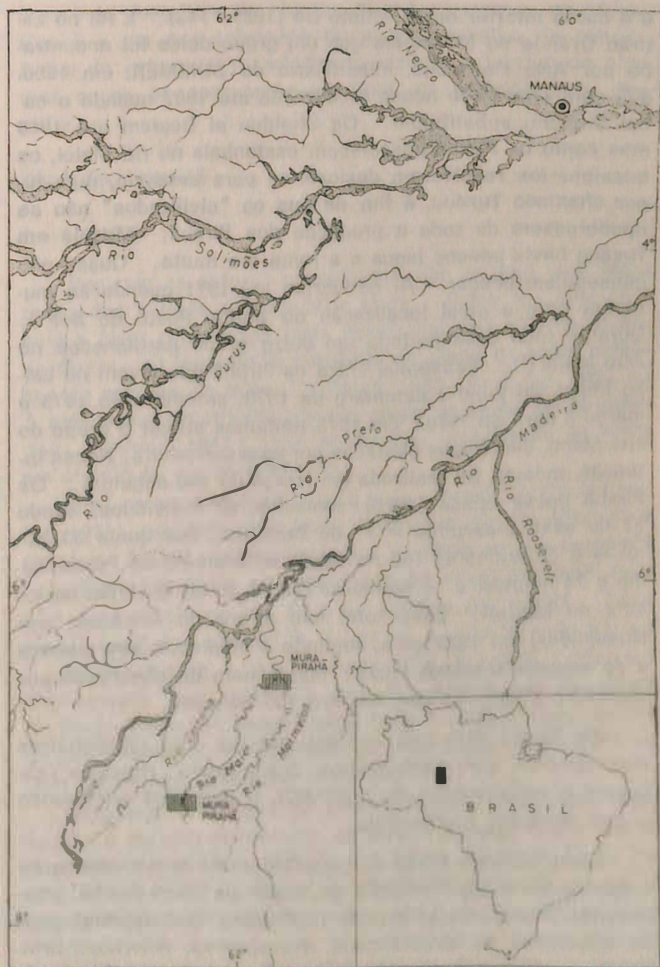


Fig. 1 — Localização dos acampamentos Mura-Pirahã visitados.

e o curso inferior deste ultimo rio (1925 : 142). E foi no Estirão Grande do Marmelos que um grupo deles foi encontrado por Arlo Heinrichs, missionário do SUMMER, em 1960, que com eles ficou nessa localização até 1967 quando o caçador Sheldon substituiu-o. Os Sheldon aí ficaram até 1969 mas como os Pirahã possuíam castanhais no rio Maici, os missionários resolveram deslocar-se para esse rio, num lugar chamado Tuxáua, a fim de que os "civilizados" não se apoderassem de toda a produção dos Pirahã. Mas lá em Tuxáua havia poucos lagos e a fome era muita. Quase não conseguiam pescar. Aí estiveram até 1971 quando se mudaram para a atual localização no antigo Posto do S.P.I. Durante todo esse período um outro grupo permaneceu no Alto Maici (?). Estivemos entre os Pirahã que vivem no baixo Maici, de julho a setembro de 1973, setembro de 1975 e março a abril de 1976. Em 1975 tentamos atingir o grupo do alto Maici, mas fomos obstados por uma corredeira. Nossa intenção, todavia, foi realizada em março do ano seguinte. Os Pirahã nessa época (1976) somavam 98 indivíduos, sendo 57 do sexo masculino e 41 do feminino, dos quais 33 homens e 27 mulheres (60 no total) achavam-se no Posto Velho e 24 homens e 14 mulheres (38 no total) estavam na aldeia do Mariral. Esse total não difere do fornecido por Nimuendaju em 1925, pois, segundo o mesmo, o **seu numero é de noventa e tantos** (1925 : 142) e nem do observado por Heinrichs (1964 : 1) que fala em 100 pessoas.

Os Pirahã têm tido contato não só com castanheiros mas também com seringueiros, madeireiros, regatões, caçadores e missionários do SUMMER, o que está acelerando o seu processo aculturativo.

Como indica o título do trabalho, serão apresentados os aspectos mais significativos da ergologia Mura-Pirahã, obedecendo à seguinte ordenação: Aldeias, Instrumental para as atividades de subsistência, Transportes, Adornos, Brinquedos e Instrumentos Musicais. Também será fornecida

(7) — Informações pessoais de Arlo Heinrichs e Steve Sheldon.

uma lista descritiva de objetos Pirahã existentes no Museu Goeldi e por nós coletados durante o trabalho de campo. A fim de evitarmos repetições de dados, o fabrico de algumas peças só aparecerão ao final, na referida lista descritiva.

ERGONOMIA PIRAHÃ

1 — ALDEIA

Segundo os autores consultados, não se tem uma idéia exata dos antigos aldeamentos Mura. Bates e Craig chegam a fazer referências mais detalhadas das aldeias, quando dizem: **O lugarejo⁽⁸⁾ consistia de cerca de vinte palhoças de paredes de taipa...** (Bates, 1944: v. 1, pg. 349) ou **A cidade era constituída por um grupo de cerca de 20 cabanas...** (Craig, 1947: 125), porém não mencionam se eram em círculo ou em alinhamento.

Em nossa primeira visita aos Pirahã (julho/setembro/1973), um subgrupo Mura localizado no rio Marmelos (boca do Maici), verificamos que a aldeia estava agrupada irregularmente numa clareira aberta ao longo da parte mais alta da margem do rio, fora do alcance das águas. Seus tapiris eram em número de 5 (cinco), e quando o rio baixou mudaram-se para a praia, construindo 7 (sete) casas em alinhamento bem próximas uma das outras. Já na aldeia do Posto Velho, no baixo Maici, onde a casa central pertence aos lingüistas do SUMMER, os tapiris são construídos ao lado da mesma, em número de 5 a 7.

Podemos dizer que os Pirahã realizam com suas habitações o mesmo movimento de subida e descida das águas dos rios Marmelos e Maici. Na época da cheia ficam estabelecidos no Posto Velho, no rio Maici, e quando as águas começam a descer, deslocam-se para o rio Marmelos (boca do Maici), construindo sua aldeia no limite a ser atingido pelas águas do rio e, à medida que as águas vão baixando,

(8) — Rio Amatari, na confluência do rio Amazonas com o rio Madeira.

mudam-se para a praia (est. 1, a). Finalmente, um quarto estágio de mudança ocorre na época da seca, quando o rio volta ao seu mais baixo volume d'água, sendo os tapiris construídos na praia, apenas com pequenas coberturas para guardarem alguns pertences e protegerem-se eventualmente da chuva ou sol, morando o resto do tempo ao relento.

Na segunda visita, em 1975 (setembro), verificamos que na praia não existia nada em termos de aldeamento, pois aí somente encontramos um tapiri. Eles estavam vivendo totalmente ao ar livre (est. 1, b). Com relação à aldeia do Posto, não ocorrera nenhuma modificação.

Na terceira visita, em 1976 (março/abril), época da cheia, os Pirahã do baixo Maici estavam todos vivendo ao redor da casa dos missionários do SUMMER, no Posto Velho. Já os do alto Maici (aldeia Mariral) achavam-se distribuídos em dois alinhamentos, localizados em duas pontas de terra firme, com 4 casas em cada um desses alinhamentos. Também eles, quando as praias aparecem, mudam-se para as mesmas.

a) *Habitações*

Antigamente esses índios, segundo alguns autores, viam ora nos ramos das árvores na mata (Southey, 1965 : 246), ora em redes atadas nos galhos vergados sobre a margem do rio (Wallace, 1939 : 216), ou, então, em simples coberturas (Nimuendaju, 1948 : 267). Não construíam habitações sólidas e fixas (Bates, 1944 : v. 1, pg. 352) e as coberturas precárias, de palha, eram armadas sobre quatro esteiros (Rodrigues, 1875 : 10).

Hoje em dia ainda se faz sentir esses reflexos, principalmente no que se refere ao subgrupo Pirahã localizado no baixo Maici. Suas habitações são de dois tipos: jiraus com e sem coberturas. Quando na praia do rio Marmelos, inicialmente as moradas são construídas sem tetos, constituindo-se apenas de jiraus utilizados para passarem o dia e dormirem (cf. est. 2, a). Quando as chuvas se tornam

mais freqüentes é que os Pirahã providenciam a cobertura. Esta é constituída de quatro, seis, oito ou nove esteios fincados no chão e cobertos com palha de babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.)), sororoca (*Ravenalia Guianensis* (Endl.) Benth) ou caranã (*Mauritia carana*. Wall Palmae). Os esteios são distribuídos da seguinte maneira: três em cada extremidade e na parte central, três em cada extremidade e dois no centro, três na parte de trás, um no centro e dois na parte dianteira ou, ainda, dois em cada extremidade, se o tapiri for pequeno. Estes esteios são forquilhados numa das extremidades para encaixarem as três varas que servem de apoio às palhas. Os Pirahã que estão no Posto Velho ou na aldeia Mariral, têm suas moradas mais protegidas, com jiraus bem armados e espaçosos, apesar de também não possuírem paredes. Os tapiris são relativamente grandes se os 9 (nove) esteios forem bem espaçados. São sempre de duas águas, ainda que um dos índios mais velhos da aldeia tenha construído na praia um tapiri de uma só água, do tipo antigo, descrito por Nimuendaju (1948: 267): **As the huts were built on the beach slopes, the downhill ends of the flooring poles rested on a horizontal pole supported on two forked posts, while the uphill ends were stuck in the sand of the slope** (cf. est. 2, b). Em 1976, encontramos um tapiri aberto na frente, fechado atrás com palha e com uma parede lateral também de palha (cf. est. 3, b). Por vezes levantam jiraus rente ao teto, onde guardam seus pertences. Aí, também, ocasionalmente, costumam ficar a trabalhar em pequenos objetos como pontas de flechas e outros. Os jiraus a que nos referimos são feitos de troncos ou galhos de embaúba (*Cecropia* sp. (Moraceae)). Por influência dos "civilizados" estão começando a usar a paxiúba (*Iriartea exorrhiza* Mart. (Palmae)).

Nas roças e durante a extração da castanha, levantam seus tapiris, utilizados somente enquanto durarem essas atividades.

2 — O INSTRUMENTAL PARA AS ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA

a) *Armas*

Os Mura foram considerados os mais aguerridos da Amazônia. Ficavam de tocaia nas árvores e quando o inimigo passava caíam-lhe em cima com flechadas, pois eram hábeis no manejo do arco e flecha. São considerados excelentes pescadores e caçadores, sendo esta sua maior fonte de subsistência.

Seus arcos são simples, sem enfeites. Poucas referências existem sobre os tipos antigamente usados pelos Mura. Segundo Schmidt (1942 : 34) eles tinham a **seção transversal chamada concava**. Já Nimuendaju (1948 : 260) diz : **The back is strongly convex the belly only moderately so**. Os demais autores se prenderam quase que somente à utilização e manejo dos mesmos sem se deterem nos detalhes, como é o caso de J. Daniel (1840/41 : v. 3, 168) que além de dizer que os arcos tinham cerca de 12 palmos de comprimento faz o seguinte comentário : **Quando atiram não suspendem os arcos no ar, como os mais de ordinário fazem; mas os seguram no chão com os dedos dos pés**. Craig (1947 : 126) fala em arco com **cerca de 2, 5 metros e flechas de comprimento proporcional**. Os arcos são feitos de ingarana (*Pithecolobium pedicellare* (DC.) Benth.) ou pau d'arco (*Tabebeia* sp. (Bignoniaceae)) e, para sua confecção a madeira, depois de cortada, é aplainada com terçado preso a uma forquilha, sendo em seguida levada ao fogo (cf. estampa 4, a). Esta é uma atividade masculina. As mulheres competem o fabrico da corda que é manufaturada com envira.

Com relação às flechas fazem-nas com ou sem emplumação, sendo esta última modalidade a mais utilizada, pois, na maioria das vezes, pescam com arco e flecha, o que já não ocorre com a caça. Para este fim preferem os rifles (calibre 16 e 20). Também o uso de flechas, para pesca, não exclui o uso da linha e do anzol. As flechas chegam a medir 2.00 m de comprimento, (cf. est. 4, b). A empluma-

ção é do tipo paralela, feita pelo homem, ficando a cargo da mulher somente a fabricação da linha para a emplumação e fixação da ponta à haste. Este fio é tecido num fuso constituído de uma vareta de madeira e de um tortual de osso de tracajá (cf. fig. 3, d, e e estampa 5, b). Segundo Schmidt (1942 : 43, 47 e 49) esses índios sabiam fazer três tipos de emplumação : em cavalete e tangencial, a costurada e a costurada coberta com cera ou resina⁽⁹⁾. As pontas se apresentam do tipo farpeada dupla de prego, lanceolada, serrihada dupla de madeira e em espeque (fig. 2). As de madeira são amoladas nas partes laterais por um formão de madeira com ponta de dente de cotia (cf. fig. 3, b). Antigamente era utilizada a mandíbula de um animal. As de prego são afinadas com terçado ou lima. Nos fios de algodão que reforçam a ponta, vareta e o entalhe, são passados breu em intervalos, o que dá a impressão de duas cores depois de enrolados. O cerol é feito da resina de uma árvore, o Anani (*Symphonia globulifera* L. f. (Guttiferae)), depois cozida com palha branca e raspa de carvão. Apuram-no com água e deixam a mistura endurecer. Guardam-no em formato de bola.

Não observamos o uso de zarabatanas por parte dos Pirahã. Todavia, na bibliografia compulsada, enquanto que Wallace (1939 : 657) diz que os Mura não sabiam fazer zarabatanas, Craig (1947 : 126) contradiz tal afirmação mencionando que **via-se uma zarabatana com que sopram flechas ervadas**. Tais flechas foram também citadas por Carvajal & Acuña (1941 : 259).

Ainda a respeito de armas há uma referência bibliográfica feita por Souza (1873 : 145), sobre o *murucu* que **é uma arma de guerra, ordinariamente feita de pão vermelho, e muito empregado pelos índios Muras**.

(9) — A emplumação cavalete e tangencial e a costurada coberta com cera ou resina são chamadas de arqueada e cimentada, respectivamente, conforme o Guia para classificação de material etnográfico, organizado por Simões (1963).

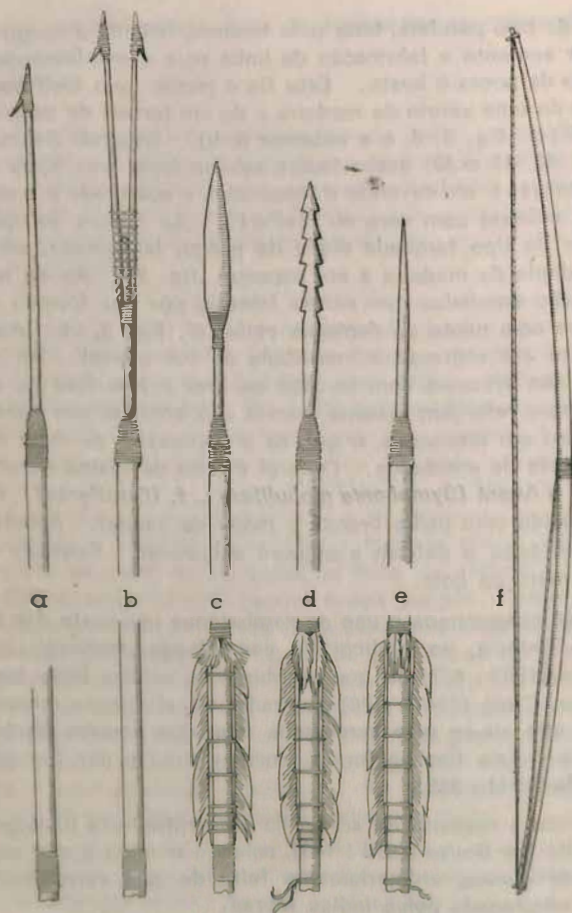


Fig. 2 — Arco e flechas: a) ponta farpeada de prego; b) ponta farpeada, dupla, de prego; c) ponta lanceolada; d) ponta serri-lhada dupla, de madeira; e) ponta de madeira, em esqueque; f) arco.

b) *Armadilhas*

Os Pirahã possuem dois tipos de armadilhas, vistos por nós: a) o apito ou isca, constituído de um pedaço de flandres dobrado ao meio com um furo numa das extremidades para produzir som imitando a anta, cotia, macaco ou outro bicho que desejam caçar; b) a armadilha de tracajá, feita de madeira leve (*Mamorana grande* (*Bombax spruceanum* (Desne) Ducke)), em forma de torno, onde prendem a linha e o anzol que são jogados na beira do rio e amarrados nos galhos de árvores (cf. fig. 3, c). Nimuendaju (1948 : 256) e Bates (1944 : v. 1, pg. 353) informam que antigamente os Mura pegavam o tracajá debaixo d'água, com a mão. Provavelmente, ainda hoje, continuam a fazê-lo.

c) *Moquens*

Para o preparo da alimentação notamos dois tipos de moquens: vara de madeira aberta no sentido longitudinal até cerca da parte mediana onde é preso o peixe e enterrada obliquamente no chão⁽¹⁰⁾ e jiraus de formas variadas, conforme mostra fig. 4, a, b. O alimento pode também ser assado diretamente no fogo. Bates (1944 : v. 1, p. 353) diz que os Mura **não conhecem outro meio de preparar a comida que não seja assar**, mas, atualmente, os Pirahã utilizam panelas de alumínio para cozer seus alimentos.

d) *Cestaria*

Os trabalhos com trançado têm muito pouca variação nesse grupo. São mínimas as referências dadas pela bibliografia consultada, sobre a parte de cestaria dos Mura. Alguns autores quando chegam a falar no assunto é somente para citar os cestos de carregar. Vimos este tipo entre os Pirahã nas viagens realizadas. Quando vão colher a mandioca ou caçar, preparam este cesto com palha de babaçu

(10) — Esta serve tanto para moquém como para colocar a panela (cf. fig. 4, c).

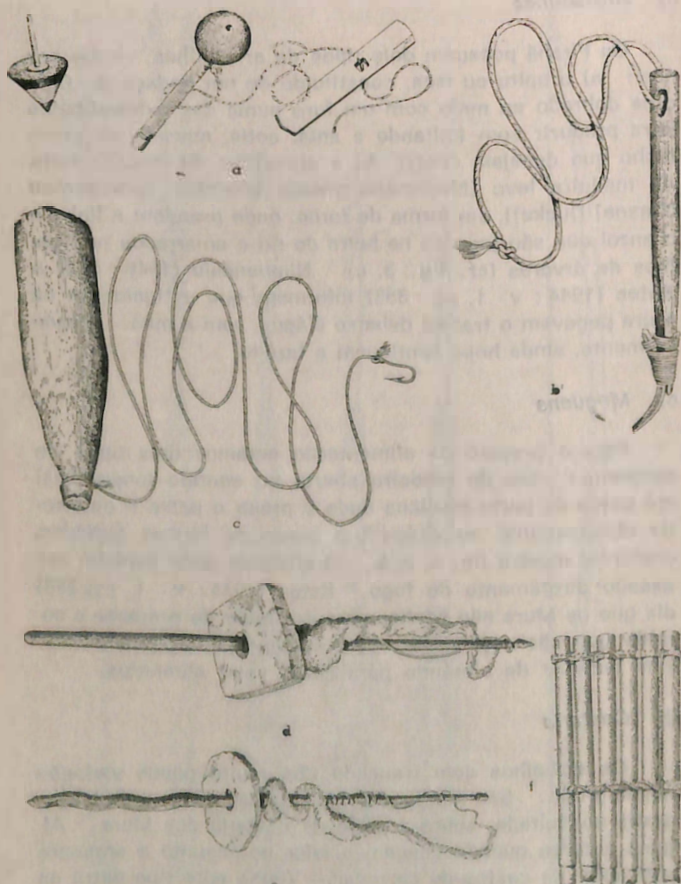


Fig. 3 — a) piões; b) formão usado para amolar pontas de flechas; c) armadilha para pegar tracajá; d, e) tipos de fuso; f) flauta do "pan".

(*Orbigñya speciosa* (Mart.)), de forma retangular, para transportar tanto a mandioca, cará e batata doce como frutos silvestres (cf. estampa 5, a). Neste mesmo cesto colocam a mandioca dentro d'água para pubar. Outro tipo, aliás o menos comum, de forma circular, feito de cipó ambé (*Philodendron imbe* Schott.), com base triangular, é semelhante ao **paneiro** usado na região amazônica e utilizado para colocar objetos pessoais (cf. fig. 5, c). O arremate desse cesto de ambé pode ser simples ou sobreposto. Sabem fazer peneiras, tipitis (principalmente os da aldeia Mariral) e abanos (11).

Os abanos são de forma triangular, com trançado simples. Têm pouco uso (cf. fig. 5, a). As peneiras, para passar a mandioca, também não são muito utilizadas, pois, nem sempre fazem farinha. Sua forma é quadrada com trançado simples, espaçado. Os tipitis são feitos de arumã (*Ischnosipho ovatus* Kcke.), com trançado simples.

3 — TRANSPORTES

O meio de transporte desses índios era e é essencialmente feito através de rios. Nos dias atuais, os Pirahã do alto Maici ainda constroem canoas de casca da árvore Maripá (*Operculina passifloroides* (Benth.) Ducke), da Copaíba (*Copaifera multiguga* Hayne. Legum.-caesalp.) e do Jatobá (*Hymenaeae courbaril* L. Legum.-caesalp.). Tiram a casca da árvore (a copaíba é usada preferencialmente) cortando no sentido da mesma e afinando as extremidades com terço. Nas bordas são feitos 7 a 8 orifícios onde prendem, com envira, as ripas de madeira para reforçá-las e prender os bancos. Estas cascas são abertas com fogo, abertura essa que é conservada por duas ripas cobertas com envira e colocadas transversalmente nas duas extremidades (cf.

(11) — Com relação à cestaria, fazem, ainda, esteiras, normalmente usadas em cima dos jiraus. Têm a forma quadrada. A folha é dobrada ao meio, de onde sai o trançado simples, arrematado na outra extremidade. Depois de trançado removem um dos talos para afiná-la, tornando a peça mais cômoda.

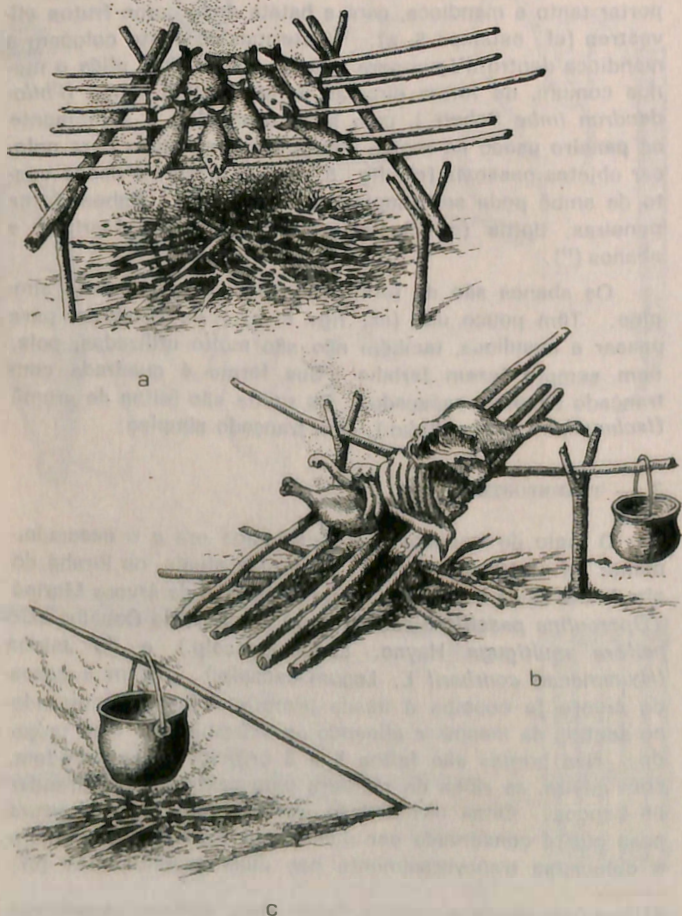


Fig. 4 — a, b) moquens tipo jlrau; c) vara para moquem.

fig. 5, e). Um exemplar por nós utilizado em campo, possuía 5 m de comprimento e 75 cm de largura. Schmidt (1942 : 111), Steward (1948 : 891), Steward & Faron (1959 : 387) e Ferreira (1974 : 106) fizeram referência a esse tipo de embarcação entre os Mura. Já os Pirahã do Posto Velho (baixo Maici) preferem adquirir suas canoas com os regatões. Compram-nas principalmente com a venda de castanha. Embora não façam mais canoas de casca, eles conhecem a sua tecnologia.

Os remos, com formato retangular, ainda são feitos principalmente na aldeia Mariral (cf. estampa 6, a). Raramente compram-nos de regatões e caboclos das cercanias, preferindo impulsionar a canoa com um varejão.

4 — ADORNOS

Conforme Aires Casal (1943 : 236), **os homens não só ornaram os braços e pernas, mas ainda furaram o nariz, orelhas e beiços, ⁽¹²⁾ donde trazem pendentes, conchas, dentes de porco e de feras.** Os Mura usavam também colares, cintos e andavam nus (Nimuendaju, 1948 : 259). Hoje em dia os ornamentos Pirahã são constituídos somente de colares, braçadeiras e anéis. Não vimos o cinto mencionado por Nimuendaju (1948 : 268).

De acordo com o que pudemos observar durante nossa estada entre os Pirahã, há um único tipo de colar, em moldes tradicionais, que se apresenta com variedades que existem em função do material empregado na sua fabricação. Esses colares podem ter ou não pendentes.

No primeiro caso eles são fabricados de : a) Taboquinha (*Guadua superba* Hub.) com tentos ⁽¹³⁾ (*Ormosia amazonica* Ducke) intercalados (cf. fig. 6, c); b) Taboquinha com capim-miçanga (*Coix* cf. *lacrima*) intercalados; c) Ta-

(12) — Sobre o costume de furarem os lábios veja-se também Rodrigues (1875 : 23), Wallace (1939 : 657) e Gillin (1948 : 834).

(13) — Na Amazônia essa semente recebe o nome de tento, enquanto no Sul é conhecida por "olho-de-boi".

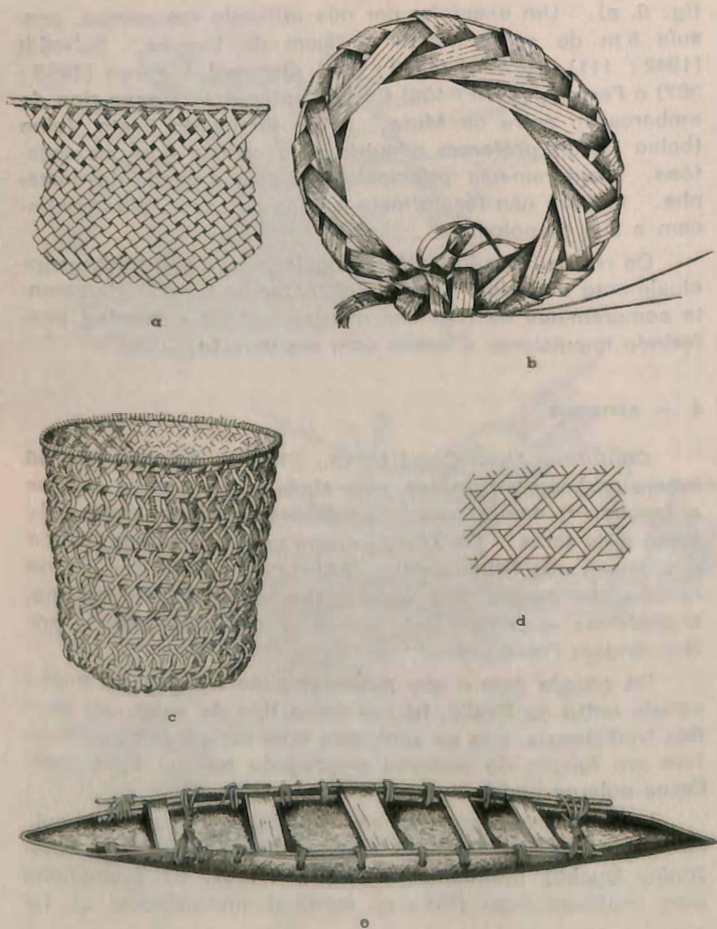


Fig. 5 — a) abano; b) diadema de palha; c, d) cesto de ambé;
e) canoa de casca.

boquinha com tento preto (*Ormosia flava* Ducke) intercalados (cf. fig. 6, a); d) Taboquinha com tento (*Ormosia amazonica* Ducke) e mucuna branca (*Dioclea* sp.) intercalados; e) Tento preto (*Ormosia flava* Ducke) com capim-miçanga (*Coix* cf. *lacrima*) intercalados (cf. fig. 6, b); f) Tento preto com araticu-do-mato (*Anona longifolia* Aubl.) intercalados; g) Tento preto com tento (*Ormosia amazonica* Ducke) intercalados; h) Só tento preto.

Os pendentes são feitos de dentes de animais (porco do mato, onça e macaco principalmente), rosetas de penas (tucano, arara, papagaio e mutum), gastrópodo fluvial, anéis de tucumaí e enfeites de palha. Os de palha têm várias formas: caixinhas, bolas, estrelas, trapezóides sanfonados e miniatura de esteiras.

A distribuição dos pendentes, nos colares observados, é feita da seguinte maneira: a) só dente de macaco (vimos furar esses dentes com a ponta de um terçado previamente aquecido); b) só rosetas de penas de mutum, tucano ou arara; c) enfeites de palha com dentes de onça ou macaco; d) pedaço de tucumã; e) rosetas de penas com dentes de macaco; f) roseta de penas com dentes de macaco e corno de besouro (*Scarabeidae*); g) roseta de penas e gastrópodo fluvial; h) só anéis de tucumaí; i) anéis de tucumaí e dentes de onça e macaco; j) bicos de papagaio, mutum e coruja, unha de maracajá, dentes de macaco prego, pêlo de quati-puru e gastrópodo fluvial.

As sementes são apanhadas pelas mulheres na mata que circunda a aldeia. A perfuração das mesmas, também trabalho feminino, é obtida através de um prego ou outra ferramenta semelhante, aquecido ao fogo.

Existem outros tipos de colares feitos por eles, com material obtido por troca através de membros da sociedade regional envolvente, missionários do SUMMER e outros elementos alienígenas, que são: moedas, pedras, contas, medalhas, alfinete de segurança, pedaços de plástico e miçangas.

Disseram-nos os informantes, que certos tipos de pendentes, além do caráter de adorno têm outras funções, como por exemplo a semente da seringa, que é utilizada para *acabar com o medo*. Mostraram-nos um macaco Zogue-zogue (*Calicebus*), um macaco velho (também chamado acari cu parauacu — *Brachyurus rubicundus* Teoff. Pithecia Monacha) e uma jovem que estavam com tais sementes em seu colar e cuja finalidade era fazer com que os macacos não tivessem medo dela, que era sua dona. Fazem o mesmo com criança recém-nascida, a fim de que ela não tenha medo de sua mãe. Os dentes de onça e de macaco são usados para afastar cobra, principalmente a surucucu (*Lachesis muta muta* (Linnaeus, 1766)). E as penas de arara têm o poder de atrair veado como presa para caça.

Os colares sem pendentes são feitos de : a) Taboquinha (*Guadua superba* Hub.) com capim-miçanga (*Coix* cf. *lacrima*) intercalados; b) Taboquinha com tento (*Ormosia amazonica* Ducke) e mucuna branca (*Dioclea* sp.) intercalados; c) Taboquinha com araticu-do-mato (*Anona longifolia* Aubl.) e bucha (*Luffa operculata* (L.) Cogn.) intercalados; d) Taboquinha com tento (*Ormosia amazonica* Ducke), araticu-do-mato (*Anona longifolia* Aubl.) e bucha (*Luffa operculata* (L.) Cogn.); e) Tento preto (*Ormosia flava* Ducke) com araticu-do-mato (*Anona longifolia* Aubl.) intercalados; f) Araticu-do-mato com tento preto (*Ormosia flava* Ducke) e a mucuna branca (*Dioclea* sp.) na parte central (cf. fig. 6, d); g) Araticu-do-mato com os tentos (*Ormosia amazonica* Ducke) e a mucuna branca (*Dioclea* sp.) no centro; h) Só de araticu-do-mato.

Vimos fazerem os fios para os colares, de fibra de tucumã (*Astrocaryum tucuma* Mart.), sendo os mesmos enrolados pelas mulheres, nas coxas.

As braçadeiras ⁽¹⁴⁾ podem ser de palha, fio de algodão ou tira de pano, sem nenhuma técnica especial. Observa-

(14) — O Parintintin, como diz Nimuendaju (1925 : 142), chamavam os Pirahã : "Iviriyarohũ, senhores grandes das enviras com referência às ligas que usavam nos braços".



Fig. 6 a) colar de taboquinha com tento preto; b) colar com tento preto e capim-miçanga; c) colar de taboquinha com tento; d) colar com araticu-do-mato, tento preto e mucuna branca.

mos que em uma, de algodão, haviam sido colocados dois botões brancos e dois pretos recebidos como presente por elementos alienígenas.

Os diademas de palha, de forma arredondada, semelhantes a outros que os antigos Mura costumavam usar (Ferreira, 1974: 61, cf. 1887), ainda são feitos, porém pouco utilizados (cf. fig. 5, b e estampa 6, b).

Os anéis são fabricados do caroço de tucumá (*Astrocaryum acaule* (Mart.) tanto por homens quanto por mulheres. O caroço é cortado em rodela, com terçado, em vários tamanhos, sendo a polpa retirada com uma faca. Depois de adquirir o tamanho desejado, alisam-no, passando-o sobre uma pedra semelhante ao cascalho, com água.

Os cabelos são cortados com pente e tesourã, o que antigamente era feito com a mandíbula de piranha no mesmo processo do corte com navalha.

5 — BRINQUEDOS

As brincadeiras infantis entre os Pirahã são uma forma de prepará-los para a vida adulta. É assim que se vêem meninos aprendendo a fabricação de arcos e flechas para as suas pescarias, com caráter de brincadeira, enquanto que as meninas brincam com fusos e ajudam a cuidar das crianças menores. Mas além desse aprendizado para a vida adulta, as crianças Pirahã, principalmente os meninos, divertem-se com piões, barcos e aviões, o que já é um resultado do processo aculturativo mais intenso que vêm sofrendo nesses últimos anos. Os barcos são cópias daqueles dos regatões que cruzam os rios Maici e Marmelos principalmente na época da safra da castanha. Para a fabricação dos aviões imitam os que vêm trazer os missionários do SUMMER no Posto Velho. Os barcos e os aviões são feitos com a madeira Mamorana ou Moueira (*Bombax spruceanum* (Desne)

Ducke), e são lixados com uma folha seca a qual chamam de "pê". Gostam também de brincar com arcos como se fossem instrumentos musicais (vejam-se Instrumentos Musicais). Fazem uma fila comandada pelo tocador e andam por toda a aldeia.

Os piões são fabricados de um carretel de linha cortado ao meio com uma vareta central ou com o caroço do tucumã encaixado numa haste de madeira, preso por fios de envira a um pedaço de madeira espatulada (cf. fig. 3, a).

Além disso há as correrias pelo acampamento e pela praia e os banhos coletivos que são sempre motivo de brincadeiras para as crianças. Tal aspecto, porém, foge ao escopo desse trabalho.

6 — INSTRUMENTOS MÚSICAIS

Na parte de instrumentos musicais temos as referências dadas por Rodrigues (1875 : 24), de que **por meio de gaitas (Yuá), canudos de taboca fina com 4 furos, ou por assovios com a boca, de longe conversam, previnem, chamam, etc. de maneira que não é possível a sua compreensão. Não são inclinados à música; os seus instrumentos são uns torés e essas mesmas gaitas.** Bates (1944 : v. 2, pg. 13) define o toré como **trombeta de guerra** e faz referência também à **buzina feita de um bambu comprido e grosso, com uma palheta no bocal** usada pelos Mura. Encontramos entre os Pirahã flautas de "pan" com dois a seis tubos de taboca (*Guadua superba* Hub.) presos com fios de envira que, segundo eles, às vezes tocam nos **poracês** (festas) realizados nos dias de luar (cf. fig. 3, f). As crianças usavam pequenos arcos como instrumento musical. Colocavam a madeira entre os lábios, que ficavam curvados sobre os dentes, e com a outra mão, auxiliada por um pedaço de palha, tiravam alguns sons musicais e imitavam o barulho do motor.

LISTA DESCRITIVA DOS OBJETOS PIRAHÁ

ARMAS

Arco

- MATERIAL** — Madeira Ingarana (*Pithecolobium pedicellare* (DC) Benth.) e envira (*Xilopia* spp. (Anonacea)).
- DESCRIÇÃO** — Comum, simples, de ingarana, medindo 1.85 m. Secção plano-convexa. Corda de fios de envira. Fixação temporal com o comprimento extra de corda que vai enrolar-se na terça parte do arco.
- Nº do catálogo — 7856.

Flecha

- MATERIAL** — Cana de ubá (*Gynerium sagittatum* Beauv.), prego e fios de algodão.
- DESCRIÇÃO** — Flecha de pesca, medindo 2,75 m. Haste de cana de ubá, medindo 2.01 m. Vareta de madeira, medindo 0,74 cm., encastoada à haste e reforçada por fios de algodão. Ponta farpeada de prego, presa à vareta por fios de algodão e breu. Junto ao entalhe enrolamento de fios de algodão.
- Nº do catálogo — 7859.

Flecha

- MATERIAL** — Cana de ubá (*Gynerium sagittatum* Beauv.), prego e fios de algodão.
- DESCRIÇÃO** — Flecha de pesca, medindo 2,08 m. Haste de cana de ubá, medindo 1,28 m. Vareta de madeira, medindo 0,32 cm., encastoada à haste e reforçada por fios de algodão. Ponta farpeada dupla, de prego, medindo 0,48 cm., presa à vareta por breu e reforçada por fios de algodão. Entalhe feito na própria haste e, junto ao mesmo, enrolamento de fios de algodão.
- Nº do catálogo — 7863.

Flecha

- MATERIAL** — Taquari (*Guadua angustifolia* Kunth.), prego, penas e fios de algodão.

DESCRIÇÃO — Flecha de caça e guerra, medindo 1,36 m. Haste de taquari, medindo 0,98 cm. Vareta de madeira, medindo 0,38 cm., encastoadà à haste e reforçada por fios de algodão. Ponta farpeada de prego, presa à vareta por fios de algodão e breu. Emplumação paralela com duas meias penas de mutum. Entalhe feito na própria haste.

Decoração: as penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita não só pelas extremidades como ao longo das mesmas em intervalos regulares. Junto ao entalhe enrolamento de fios de algodão.

Nº do catálogo — 7864.

Flecha

MATERIAL — Cana de ubá (*Gynerium sagittatum* Beauv.), taquara (*Bambusa vulgaris* Schrad.), penas e fios de algodão.

DESCRIÇÃO — Flecha de caça e guerra, medindo 1,81 m. Haste de cana de ubá, medindo 1,44 m. Vareta de madeira, medindo 0,12 cm., encastoadà à haste e reforçada por fios de algodão. Ponta lanceolada de taquara, medindo 0,25 cm., encastoadà à vareta e reforçada por fios de algodão e breu. Entalhe feito na própria haste. Emplumação paralela com duas meias penas de mutum.

Decoração: as penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita não só pelas extremidades como ao longo das mesmas em intervalos regulares. Numa das extremidades, plumas amarelas de tucano. Junto ao entalhe enrolamento de fios de algodão.

Nº do catálogo — 7865.

Flecha

MATERIAL — Taquari (*Guadua angustifolia* Kunth.), penas e fios de algodão.

DESCRIÇÃO — Flecha de caça e guerra, medindo 1,66 m. Haste de taquari, medindo 1,35 m. Ponta serrilhada dupla de madeira, medindo 0,31 cm., encastoadà à haste e reforçada por fios de algodão. Entalhe feito na própria haste. Emplumação paralela com duas meias penas de mutum.

Decoração: as penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita não só pelas extremidades como ao longo das mesmas em intervalos regulares. Numa das extremidades, plumas amarelas de tucano. Junto ao entalhe enrolamento de fios de algodão.

Nº do catálogo — 7866.

Flecha

MATERIAL — Taquari (*Guadua angustifolia* Kunth.), penas e fios de algodão.

DESCRIÇÃO — Flecha de caça e guerra, medindo 1,25 m. Haste de taquari, medindo 1,01 m. Ponta de madeira, em espéque, medindo 0,24 cm., encaixada à haste e reforçada por fios de algodão. Entalhe feito na própria haste. Emplumação paralela com duas penas de mutum. **Decoração:** as penas são aplicadas e niveladas paralelamente à haste. A amarração é feita não só pelas extremidades como ao longo das mesmas em intervalos regulares.

Nº do catálogo — 7869.

ARMADILHAS

Aplito ou Isca

MATERIAL — Peça de flandres.

DESCRIÇÃO — Peça de flandres dobrada ao meio com um orifício numa das extremidades, feito com a ponta do tearado, para facilitar o sopro.

Utilizado na caça para imitar a cotia, macaco, etc.

Fabricado e usado por homem.

Nº do catálogo — 7823.

Armadilha

MATERIAL — Madeira mamorana grande (*Bombax spruceanum* (Desne) Ducke), fios de algodão e anzol.

DESCRIÇÃO — A madeira é talhada em cone, no formato de torno, onde é colocado um fio de algodão que une dois ou mais tornos, tendo no vértice o anzol.

Utilizada na pesca da tartaruga.

Trabalho e uso masculino.

Nº do catálogo — 7838.

CESTARIA

Cesto de carregar

MATERIAL — Palha de babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.), Barb. Rodr.).

DESCRIÇÃO — Um pedaço da folha de babaçu cortada ao meio formando um dos lados da cesta de onde sai o trançado simples que vai arrematar na outra extremidade com trança que também serve como alça.

Utilizado para carregar mandioca, cará e frutos silvestres.

Serve também para guardar utensílios domésticos e colocar a mandioca dentro d'água para pubar.

Feito por mulher e usado por ambos os sexos.

Nº do catálogo — 7850

Cesto

MATERIAL — Cipó de ambé (*Philodendron imbe* Schott.).

DESCRIÇÃO — Trançado entretecido, compacto, iniciado pelo fundo, de forma hexagonal, que contorna a borda e completa a parte interna do cesto. A forma circular da boca é feita de madeira flexível coberta de cipó e sobreposta ao cesto. Diâmetro da boca 0,33 cm. e o corpo 0,31 cm.

Utilizado para guardar utensílios domésticos.

Feito por homem e usado por ambos os sexos.

Nº do catálogo — 7853

Peneira quadrada

MATERIAL — Talas de arumã (*Ischnosiphon ovatus* Kcke.) e varetas de madeira.

DESCRIÇÃO — Trançado simples, espaçado, iniciado pelo fundo, com oito (8) varetas laterais que são colocadas duas a duas, formando os lados da peneira, onde arremata o trançado.

Feito por homem e usado por ambos os sexos.

Nº do catálogo — 7849

Tipiti

MATERIAL — Tala de arumã (*Ischnosiphon ovatus* Kcke.).

DESCRIÇÃO — Trançado simples, iniciado por uma das extremidades que fica fechada, formando um tubo flexível. A ou-

tra extremidade é aberta para introduzir a massa da mandioca.

Trabalho e uso feminino.

Nº do catálogo — 7855

Abano

MATERIAL — Folha de babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.).

DESCRIÇÃO — O pedaço de folha é cortado ao meio, de onde sai o trançado simples. As sobras da palha são cortadas e camufladas no trançado.

Fabricado por mulher e usado por ambos os sexos.

Nº do catálogo — 7848

ADORNOS

Diadema

MATERIAL — Palha de babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.).

DESCRIÇÃO — De duas folhas são tiradas as nervuras quase até ao fim das mesmas. Com essas nervuras formam um círculo em cima do qual as palhas são trançadas. Utilizado nas poracões (festas).

Feito por ambos os sexos e usado pelos homens.

Nº do catálogo — 12866

Braçadeira

MATERIAL — Palha de babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.).

DESCRIÇÃO — Tira de palha sem trançado, amarrada no braço. Trabalho e uso generalizado.

Nº do catálogo — 12862

Anel

MATERIAL — Carço de tucumã (*Astrocaryum acaule* Mart.).

DESCRIÇÃO — O fruto é cortado com terço em rodela de vários tamanhos. À medida que retiram a polpa vão desgastando a parte interna com a ponta do terço, até ficar na medida exata do dedo. Depois disso ele é

passado sobre uma pedra semelhante ao cascalho, com água, a fim de ficar mais liso.
Fabricado e usado por ambos os sexos.

Nº do catálogo — 7821

Enfeite de palha

MATERIAL — Palha de babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.).

DESCRIÇÃO — Trançado simples, com formato de caixinha, medindo 0,8 x 0,5 cm.

Feito por ambos os sexos e usados nos colares femininos.

Nº do catálogo — 12861.

Colar

MATERIAL — Taboquinha (*Guadua superba* Hub.), tentos pretos (*Ormosia flava* Ducke) e penas de arara vermelha.

DESCRIÇÃO — As taboquinhas são intercaladas com tento preto, tendo no centro quatro rosetas de penas. Estas são armadas com fios de algodão cobertos com breu.
Trabalho e uso feminino.

Nº do catálogo — 7519.

Colar

MATERIAL — Taboquinha (*Guadua superba* Hub.), sementes de bucha (*Luffa operculata* (L.) Cogn.) e de araticu-do-mato (*Anona longifolia* Aubl.).

DESCRIÇÃO — As taboquinhas são intercaladas com as sementes de bucha e de araticu-do-mato.
Fabricado e usado por mulher.

Nº do catálogo — 7798.

Colar

MATERIAL — Tento preto (*Ormosia flava* Ducke), araticu-do-mato (*Anona longifolia* Aubl.), mucuna branca (*Dioclea* sp.) e dente de macaco.

DESCRIÇÃO — A arrumação do colar é feita em três seqüências. Uma parte de tento preto, outra com araticu-do-mato e, no centro, as mucunas brancas com pingente de dente de macaco.

Fabricado e usado por mulher.

Nº do catálogo — 7804.

Colar

MATERIAL — Taboquinha (*Guadua superba* Hub.), tento (*Ormosia amazonica* Ducke), plumas de tucano e fios de envira (*Xilopia* spp. Anonacea).

DESCRIÇÃO — As taboquinhas são intercaladas com tentos, tendo no centro pingentes em forma de roseta de penas. Estas são presas com envira coberta de breu.
Trabalho e uso feminino.

Nº do catálogo — 7802.

Colar

MATERIAL — Tento preto (*Ormosia flava* Ducke) e araticu-do-mato (*Anona longifolia* Aubl.).

DESCRIÇÃO — Os tentos pretos e o araticu-do-mato são intercalados.
Trabalho e uso feminino.

Nº do catálogo — 7807.

Colar

MATERIAL — Capim-miçanga (*Coix* cf. *lacrima*), tento preto (*Ormosia flava* Ducke) e plumas amarelas e vermelhas de tucano.

DESCRIÇÃO — A arrumação do colar é feita de duas maneiras: uma parte de tento preto e outra de capim-miçanga intercalada com a primeira. No centro, pingente em forma de roseta de penas presas com fios de algodão.
Feito e usado por mulher.

Nº do catálogo — 7814.

Colar

MATERIAL — Taboquinha (*Guadua superba* Hub.), tentos pretos (*Ormosia flava* Ducke), plumas vermelhas de arara e gastrópodo fluvial.

DESCRIÇÃO — As taboquinhas são intercaladas com os tentos pretos, tendo no centro pingentes em forma de roseta feita de penas e o gastrópodo fluvial. As penas são presas com fios de algodão cobertos com breu.
Trabalho e uso feminino.

Nº do catálogo — 12876.

Colar

MATERIAL — Taboquinha (*Guadua superba* Hub.), tentos pretos (*Ormosia flava* Ducke), plumas de tucano, dentes de animais e corno de besouro (Scarabeidae).

DESCRIÇÃO — A arrumação do colar é feita em três voltas com as taboquinhas intercaladas com os tentos, tendo no centro as rosetas de penas, os dentes de animais e o corno de besouro.

Trabalho e uso feminino.

Nº do catálogo — 12877.

Colar

MATERIAL — Taboquinha (*Guadua superba* Hub.), capim-miçanga (*Coix cf. lacrima*) e plumas de mutum.

DESCRIÇÃO — As taboquinhas são intercaladas com as sementes de capim-miçanga, tendo no centro roseta de penas presas com fios de envira cobertos de óreo.

Feito e usado por mulher.

Nº do catálogo — 12879.

Colar

MATERIAL — Taboquinha (*Guadua superba* Hub.), tentos pretos (*Ormosia flava* Ducke) e anéis de tucumã (*Astrocaryum acaule* Mart.).

DESCRIÇÃO — A arrumação do colar é feita em duas voltas de taboquinha intercaladas com tentos pretos, tendo no centro quatro anéis de tucumã.

Fabricado e usado por mulher.

Nº do catálogo — 12851.

Colar

MATERIAL — Tentos pretos (*Ormosia flava* Ducke), gastrópodo fluvial, dente de macaco prego, pêlo de quatipuru (*Sclerius phronatus*) e bicos de mutum (*Mitu mitu*), corujinha do mato (*Otus choliba*) e mocho diabo (coruja — *Agio Stryginus*).

DESCRIÇÃO — Colar de tentos pretos, tendo no centro pingentes de gastrópodo fluvial, dente de macaco prego, bico de mutum e coruja e pêlo de quatipuru.

Nº do catálogo — 12878.

BRINQUEDOS

Canoa de casca

MATERIAL — Casca de Maripá (*Operculina plassifloroides* (Benth.) Ducke), mamorana grande (*Bombax spruceanum* (Desne) Ducke), varetas de árvore e envira (*Xilopia* spp. Anonacea).

DESCRIÇÃO — A casca é retirada da árvore e afilada nas extremidades formando a proa e popa, respectivamente. As varetas são colocadas lateralmente para dar firmeza à canoa e fixação aos bancos.

Feito por homem e usado por criança.

Nº do catálogo — 7846.

Pião

MATERIAL — Carretel de linha.

DESCRIÇÃO — O carretel é cortado ao meio e afilado em cone com uma vareta central encaixada no orifício para impulsar a peça.

Feito por adultos (homens) e usado pelas crianças.

Nº do catálogo — 12856.

Pião

MATERIAL — Caroço de tucumã (*Astrocarium tucuma* Mart.), sucupira amarela (*Enterolobium schomburgkii* Ducke — Leguminosae-Mimosoidae), pau-roxo (*Peltogyne* cf. *caatingae* Ducke var. *Glabra* W. Rodr.) e envira (*Xilopia* spp. Anonacea).

DESCRIÇÃO — A haste de sucupira é encaixada no caroço e presa por fios de envira a um orifício (central) existente num pedaço de madeira pau-roxo, de forma espatulada.

Fabricado por homem e usado por criança.

Nº do catálogo — 12857.

Barco (motor)

MATERIAL — Madeira mamorana grande (*Bombax spruceanum* (Desne) Ducke).

DESCRIÇÃO — Pedaço de madeira, medindo 0.42 x 0.07 cm., talhado em forma de barco. O toldo e as paredes são presos

com madeira bem fina imitando prego.
Feito por homem e usado por criança.

Nº do catálogo — 7842.

Avião

MATERIAL — Madeira mamorama grande (*Bombax spruceanum* (Desne) Ducke).

DESCRIÇÃO — Peçaço de madeira, medindo 0,39 cm., com ripas de madeira imitando prego e a hélice é presa ao corpo por meio de um prego. Pintado de urucu.
Fabricado por homem e usado por criança.

Nº do catálogo — 7540.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Flauta de "pan"

MATERIAL — Taboca (*Guadua superba* Hub.), fio de envira (*Xilopia* spp. *Anonacea*) e algodão.

DESCRIÇÃO — Cinco (5) pedaços de taboca, presas em quatro partes com fios de envira e algodão.
Utilizado nos poracós (festas).
Fabricação e uso masculino.

Nº do catálogo — 7831.

OUTROS

Cula

MATERIAL — Cabaça (*Crescentia cujete* L.).

DESCRIÇÃO — Cortam o fruto junto ao talo, abrindo um pequeno orifício; tiram a polpa e colocam no sol para secar. Sem qualquer pintura.

Usado para guardar alimentos e beber água.

Feito por mulher e usado por ambos os sexos.

Nº do catálogo — 7824.

Fuso

MATERIAL — Madeira Ingarana (*Pithecolobium pedicellare* (DC.) Benth.), tortual de osso de tracajá e algodão.

DESCRIÇÃO — Eixo talhado em madeira onde é enrolado o fio de algodão, tendo como apoio o tortual de osso de tracajá. Fabricado e usado por mulher.

Nº do catálogo — 7826.

Formão

MATERIAL — Madeira, dente de cotia e fios de algodão.

DESCRIÇÃO — Punho feito de madeira, com o dente de cotia preso numa das extremidades por fios de algodão. Alça também feita de fios de algodão presa na outra extremidade.

Trabalho e uso masculino.

Nº do catálogo — 7835.

AGRADECIMENTOS

Durante as três viagens realizadas em 1973, 1975 e 1976 tivemos o apoio de Linda e Steve Sheldon, missionários do SUMMER, residentes entre os Pirahã do baixo Maici, que não somente nos ajudaram a ter uma estada tranqüila na área, mas também nos serviram de intérprete algumas vezes e nos forneceram informações valiosas. A eles os nossos agradecimentos, que são também extensivos aos dirigentes da SUCAM em Manaus (AM) e ao da ACAR em Manicoré (AM) pelas facilidades concedidas durante a viagem em 1975 com o empréstimo de barco e funcionários por parte da primeira Instituição e de uma "voadeira" por parte da segunda. Agradecemos ainda a Geraldo Pinheiro (Manaus-AM) e a Carlos Moreira Neto (Rio-RJ) por nos terem facilitado o acesso a obras raras em suas bibliotecas particulares.

SUMMARY

The subject of this paper is the description of Mura-Pirahã artefacts. The Pirahã, a small sub-group of the Mura Indians, are settled on the Maici River (Madeira-AM) and they were chosen for our study because it appears that only

this sub-group maintains, nowadays, some traditional aspects of the Mura culture. Then, there are notes about the villages, the subsistence artefacts, the means of transportation, adornments, toys and musical instruments. Initially we give some historical data about the contact of Mura Indians with the "civilized" people in Amazonia from the 18th to the 20th century. This kind of contact was responsible for the demographic diminution of the Mura population and the loss of a great part of its cultural background. Finally, there is a descriptive list of some Pirahã objects in the collection of the Museu Goeldi.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AIRES CAZAL, Manoel
1943 — *Corografia brasileira*. São Paulo, Ed. Cultura. 3 v.
- ALMEIDA, Candido Mendes de
1860/74 — *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro. 2 v.
- AMARAL, A. Tomás de
1858 — Fala dirigida à Assembleia Provincial Legislativa do Amazonas em o 1.º de outubro de 1857. In: RELATORIO da Presidencia do Amazonas. Rio de Janeiro, Typ. Jornal do Comercio. v. 1.
- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo
1852 — *Diccionario topographico historico, descriptivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife, Typ. Commercial de M. Henriques. 363 p.
- ARANHA, João Baptista de Figueiredo Tenreiro
1874 — *Relatorio etc.* (1852). Manaus. In: RELATORIO da Presidencia da Provincia do Amazonas. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comercio. vol. 1.
- BANDEIRA, Alípio
1926 — *A cruz indigena*. Porto Alegre, Livraria do Globo. 131 p.
- BATES, Henry Walter
1944 — *O naturalista no rio Amazonas*. São Paulo, Ed. Nacional. (Brasiliana, 237-237A).
- CARVAJAL, Alonson de Rojas Gaspar de & ACUNA, Cristobal de
1941 — *Descobrimento do rio das Amazonas*. São Paulo, Ed. Nacional. 294 p. (Brasiliana, 203).

CRAIG, Neville B.

- 1947 — Estrada de ferro Madeira-Mamoré; história trágica de uma expedição. São Paulo, Ed. Nacional. 449 p. (Brasiliense, 242).

COUDREAU, O.

- 1906 — Voyage au Canumá — 21 Août 1905 — 16 Février, 1906. Paris, A. Zahara. 216 p.

CUNHA, Manoel C. Carneiro da

- 1864 — Relatório com que o Exmo. Snr. Dr. Manoel C. Carneiro da Cunha passou a Administração da Província do Amazonas ao Exmo. Snr. Dr. M. G. Corrêa de Miranda em 19 de Janeiro de 1863. Maranhão, Typ. do Farias. p. 3-38.

DANIEL, J.

- 1840/41 — Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas. Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras., Rio de Janeiro, 1(2) : 447-512; (3) : 158-183, 282-297.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues

- 1887 — Diário da viagem Philosophica pela Capitania de S. José do Rio Negro. Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras., Rio de Janeiro, 50(2) : 11-141.
1974 — Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura. 161 p. (Memória, Antropologia).

FERREIRA PENNA, Herculano

- 1853 — Falla, etc. In: RELATORIO da Presidencia da Província do Amazonas. Manaus, Typ. Jornal do Comércio. vol. 1.

FONSECA, José Gonçalves da

- 1874 — Primeira exploração dos rios Madeira e Guaporé. In: ALMEIDA, Candido Mendes de. Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão. Rio de Janeiro. v. 2, p. 267-418.

FURTADO, Francisco José

- 1858 — Relatório que a Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da sessão ordinária em o dia 7 de setembro de 1858 Francisco José Furtado presidente da mesma província. Manaus, Typ. de Francisco José da Silva Ramos. 211 p.

GALVAO, Eduardo & MOREIRA NETO, Carlos A.

- 1974 — Introdução. In: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Ne-

gro, Mato Grosso e Cuiabá. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura. 161 p. (Memória. Antropologia).

GILLIN, John

- 1948 — Tribes of the Guianas. In: HANDBOOK of South American Indians. Bull. Bur. Amer. Ethnol., Washington, 143(3) : 799.

GONDIM, Joaquim

- 1922 — Através do Amazonas — Impressões de viagens realizadas em 1921. Manaus, Typ. do "Cá e Lá". p. 57-60.
(?) — Subsídios para a História. Manaus, Jornal do Comercio.
1938 — Etnografia Indígena. Fortaleza, Ed. Fortaleza. 69 p.

GRUBB, Kenneth

- 1927 — The lowland Indians of Amazonia. London, World Dominion Press. 159 p.

HEINRICHS, Arlo L.

- 1964 — Os fonemas do Mura Pirahã. B. Mus. Pa. E. Goeldi. n. sér. Antropologia, Belém, 21 : 9.

ILLUSTRAÇÃO necessária e interessante, relativa ao gentio da nação

- 1826 — Mura, habitador dos rios Madeira, Trombeta, Guatazes, Codajazes, Purús, Mamia, Coari, Paruá e Copaca, na Capitania do Rio Negro. 12 fls. (Manuscrito, anônimo).
— Observações adicionais a Ilustração sobre o Gentio Mura, escripta em 1826. 12 fls. (Manuscrito, anônimo).

LACERDA, A. de B. A.

- 1864 — Relatório apresentado a Assembleia Legislativa da Província do Amazonas, 1.º de outubro de 1864. Recife, s. ed.

MALCHER, José M. Gama

- 1962 — Índios. Rio de Janeiro, p. 99-103.

MARCOY, Paul

- 1867 — Voyage através de l'Amerique du Sud. Le Tour du Monde, Paris, 8(2) : 97-154.

MATTOS, João Wilkens

- 1870 — Relatório... etc. Manaus. Rio de Janeiro, Typ. Jornal do Comercio. 701-799.

MELLO, Antonio Epaminondas de

- 1866 — Relatório com que o Exmo. Snr. Dr. Antonio Epaminondas de Mello entregou a administração da Província do Amazonas ao Exmo. Snr. Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira Vice-Presidente da mesma em 24 de junho de 1866. Recife, Typ. do Jornal de Recife.

- MIRANDA, Manoel Gomes C. de
1856 — *Exposição... etc.* Manaus, Typ. de F. J. da S. Ramos. p. 455.
- NIMUENDAJU, Curt
1924 — Os índios Parintintin do rio Madeira. *J. Soc. Amérc.*; n. ser., Paris, 16 : 201-278.
1925 — As tribus do alto Madeira. *J. Soc. Amérc.*; n. ser., Paris, 17 : 137-172.
1948 — The Mura and Pirahã. In: *HANDBOOK of South American Indians. Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington, 143(3) : 255-69.
- NOTÍCIAS da voluntária redução de paz e amizade da feroz nação
1873 — do gentio Mura nos annos de 1784, 1785 e 1786. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, Rio de Janeiro, 36(1) : 323-392.
- NORONHA, José Monteiro de
1862 — *Roteiro de viagem da cidade do Pará até as últimas colonias do sertão da provincia (1768)*. Pará, Typ. Santos & Irmãos. 77 p.
- OSCOLATI, Gaetano
1929 — *Esplorazione n'ella America equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazione*. Milano, Edizioni Alpes. 2 v.
- RIBEIRO, Darcy
1970 — *Os Índios e a Civilização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. p. 37-41.
- RODRIGUES, João Barbosa
1875 — Exploração do rio Urubú e Jatapú. In: ———. *Valle do Amazonas*. Rio de Janeiro, Typ. Nacional. 129 p.
1892 — *A necropole de Mirakanguera*. 2 ed. Velosia, Rio de Janeiro, 2 : 1-40. il.
- SAMPAIO, Francisco Xavier R. de
1825 — *Diário da Viagem que em vizita e correição... 1774-1775*. Lisboa, Typ. da Academia. 115 p.
- SCHMIDT, W.
1942 — *Ethnologia sul americana*. São Paulo, Ed. Nacional. 245 p. (Brasiliana, 218).
- SIMÕES, Mário Ferreira
1963 — *Guia para classificação e descrição de material etnográfico: arco, flecha, zarabatana e cerâmica*. (inédito).
- SOUTHEY, Robert
1965 — *História do Brasil*. 3. ed. São Paulo, Obelisco. v. 6, p. 248-9, 348.

SOUZA, André Fernandes de

- 1870 — Noticias geographicas da Capitania do Rio Negro. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.* Rio de Janeiro, 10 : 411-504.

SOUZA, Francisco Bernardino de

- 1873 — *Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas*. Belém, Typ. do Futuro. 328 p.

SPIX, J. B. von and MARTIUS, K. F. P. von

- 1823/31 — *Reise in Brasilien...* 1817 bis 1820. Munchen, Gedruckt bei M. Liudauer. 3 v.

STEWART, Julian H.

- 1948 — Culture Areas of the Tropical Forest. In: *HANDBOOK of South American Indians*. Bull. Bur. Amer. Ethnol. Washington, 143(3) : 883.

STEWART, Julian H. & FARON, Louis C.

- 1959 — *Native peoples of South America*. New York, Mcgraw-Hill. p. 385, 438-439.

TAUNAY, Affonso de E.

- 1941 — Ensaio de Historia Paulista. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 10 : 1-223.

VIEIRA, João Pedro Dias

- 1856 — Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial. In: *RELATORIO da Presidência da Província do Amazonas*. Rio de Janeiro, Typ. Jornal do Comércio vol. 1.

- 1857 — *Exposição feita ao Exmo. Snr. 1º Vice-Presidente da Província do Amazonas o Dr. Manoel Gomes Correa de Miranda pelo Presidente o Dr. João Pedro Dias Vieira por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província em 26 de fevereiro de 1857*. Manaus, Typ. do Jornal do Comercio. 529-571.

WALLACE, A. R.

- 1939 — *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. São Paulo, Ed. Nacional. 40, 670 p. (Brasiliense, 156).

Aceito para publicação em 5/11/76

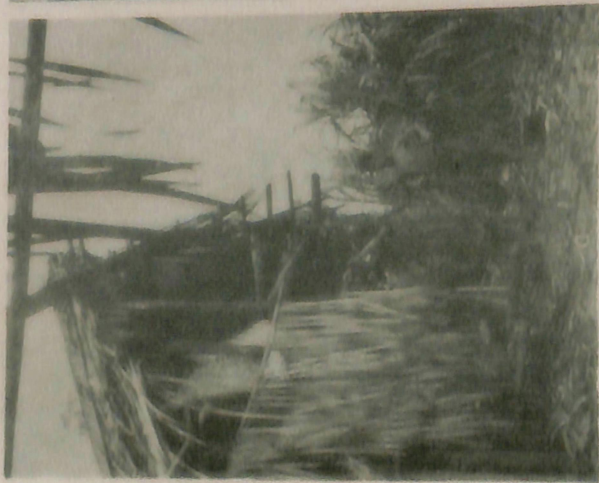


a) — Aspecto parcial do acampamento Mura-Pirahã na boca do Maici (Foto Ivelise Rodrigues, 1973); b) — uma família Mura-Pirahã vivendo na praia (Foto Adélia de Oliveira, 1975).

ESTAMPA 2



a) — Jirau-habitação no Posto Velho (Foto Adelia de Oliveira, 1973); b) — habitação Mura-Pirahã em estilo tradicional (Foto Ivelise Rodrigues, 1973).



a) — Habitação Mura-Pirahã na aldeia Mariral;

b) — habitação Mura-Pirahã no Posto Velho
(Fotos Adélia de Oliveira, 1976).

ESTAMPA 4



a) — Fabricação de arco (Foto Ivelise Rodrigues, 1975); b)
— fabricação de flecha (Foto Adélia de Oliveira, 1976).



a) — Fabricação de cesto de carregar; b) — mulher fiando (Fotos Adélia de Oliveira, 1975).



a) — Fabricação de remo; b) — homem Pirahã usando o diadema de palha.
(Fotos Adélia de Oliveira, 1973).

RODRIGUES, Ivelise & OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Alguns aspectos da ergologia Mura-Pirahã. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova série: Antropologia, Belém (65): 1-47, jan. 1977. ilus.

RESUMO: Descrição de material ergológico coletado durante três trabalhos de campo entre os índios Pirahã, subgrupo Mura, localizado no rio Maici, afluente do Marmelos (Madeira - AM). São apresentados alguns dados históricos que mostram como os Mura se destacaram na Amazônia, procurando rechaçar a invasão dos "civilizados", e como, por efeito desse contacto, eles sofreram um processo de depopulação, deculturação e aculturação. Os Pirahã parecem ser o único subgrupo a manter traços tradicionais da cultura Mura e a ergologia, por sua vez, parece ser o aspecto tradicional mais evidente desse subgrupo. Descrevem-se aspectos da aldeia, instrumental para as atividades de subsistência, transportes, adornos, brinquedos e instrumentos musicais. Ao final dá-se uma lista descritiva de objetos Pirahã existentes na coleção do Museu Goeldi.

CDU 572.9(811.3)

CDD 572.98113

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

†



GRÁFICA FALANGOLA

IMPRESSOS FINOS

Rua Sto. Antonio, 429 - Belém-Pará